

Á Biblioteca Pública de

Braga

# TRIBUNA LIVRE

22  
DEZEMBRO  
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

## PARA A PREVENÇÃO DA CEGUEIRA - (1) Natal dos Pobres

A cegueira pode resultar de uma manifestação mesmo tardia de uma afecção hereditária, embora revelada esporadicamente num dos membros da família de um dos cônjuges. O papel das consultas pré-nupciais é avaliar as possibilidades de riscos que representa a existência de um desses casos para a vista da criança. A genética médica está, actualmente, apetrechada para acautelar os futuros pais da eventualidade do perigo dos antecedentes, tendo em conta o agravamento das mutações que podem surgir em cada geração. O rastreio sistemático da sífilis deve ser realizado, apesar da nítida diminuição da sua frequência, ilustrada pelo desaparecimento quase total da tabes, responsável outrora por 12% dos casos de degenerescência do nervo óptico.

Quanto aos casamentos consanguíneos, são numerosos os inquéritos que

estabeleceram uma relação indiscutível entre a taxa de consanguinidade e a frequência das doenças hereditárias. Foi calculado que o perigo de cegueira ligado a afecções hereditárias — como as malformações congénitas, a retinite pigmentar — era vinte vezes mais elevado na descendência de pais consanguíneos do que nos casamentos sem aquela característica. A Igreja exigia antigamente uma dispensa para as ligações entre primos. Seria judicioso, actualmente, ensinar às crianças, desde a escola, que o casamento entre primos apresenta os mesmos perigos que o casamento entre irmãos e irmãs; atraso e doenças mentais, malformações dos descendentes.

Por outro lado, a rubéola é uma das causas de cegueira. Sendo uma doença benigna, passa muitas vezes despercebida; mas, contraída por uma mulher grávida durante os dois primeiros

meses de gravidez, provoca em mais de 50% dos casos uma catarata congénita na criança, frequentemente associada a outras malformações: surdez, anomalias cardíacas, etc.).

Continuam a afluir à Sede da Comissão da Campanha do Natal, os donativos e as ofertas em dinheiro, roupas e géneros destinados ao Natal dos nossos Pobrezinhos, vindo agora engrossar o mon-

tante, o subsídio da Comissão Municipal de Assistência.

Já se encontram expostas desde domingo as roupas já confeccionadas. É consolador verificar que sobe a algumas centenas o número de peças de vestuário, que ali se vêm e que esse número continua a aumentar constantemente.

No próximo domingo vai ter lugar a distribuição que promete ser e será como nos anos anteriores um acto emocionante, em que é costume ver lágrimas de alegria nos olhos desses desprotegidos da sorte que são nossos irmãos em Cristo.

Vão juntar-se-lhe alguns géneros alimentícios, como pão de milho e de trigo oferta da Cáritas Portuguesa.

Damos a seguir nota das ofertas que continuam a chegar:

A transportar	500\$00
António Barbosa de Macedo	50\$00

(Continua na 4.ª página)

### Tribuna de Vieira do Minho

#### Carta de Ruivães

##### Resurrexit

Depois de uma pequena ausência, venho novamente colaborar com o semanário «Tribuna Livre» que sempre atento trata dos interesses regionais com elevação e competência.

Foi seu ilustre director o Senhor Dr. António José da Costa, que sempre se dignou penhorar-me com a sua estima, durante o tempo que tive a honra de escrever para um semanário, a «Carta de Ruivães», a pedido de um amigo e conterrâneo meu, que particularmente prezo e estimo.

Deixou aquele digno e activo advogado de exercer, a seu pedido, a direcção da «Tribuna Livre», por motivos profissionais, que o impediam de continuar à frente deste apreciado jornal.

Não ficaria de bem com a

minha consciência se não prestasse as minhas homenagens ao ilustre ex-Director deste semanário e lhe não exprimisse o meu muito reconhecimento pelas gentilezas que sempre se dignou ter pa-

(Continua na 3.ª página)

### No aniversário da restauração

Milhares de pessoas de todas as categorias sociais cumprimentaram em São Marcos o Senhor Duque de Bragança

Milhares de portugueses, de todas as categorias sociais e dos mais diversos recantos deste velho solar lusitano, deslocaram-se a São Marcos no passado dia 1 para expressar ao Senhor Dom Duarte, actual

Duque de Bragança, manifestações sinceras de fé inquebrantável, nos princípios que representa. O aniversário da restauração nacional foi bem um dia festivo. A multidão de bons portugueses que, de toda a parte se dirigiu ao Paço de São Marcos, para cumprimentar o Duque de Bragança, representante legítimo da Instituição que tornou Portugal grande e respeitado, foi bem o testemunho das virtudes restauradoras que ainda conservam. E o Duque de Bragança se, nesta hora, houvera de fazer exame de consciência sobre o que tem sido sua vida orientada na conduta que a si próprio se impôs logo após a morte de seu Pai, certamente sentiria a alegria do dever cumprido e a consciência tranquila de quem tem vivido com dignidade.

Em data tão portuguesa bem merecem ser recordadas as palavras que o Senhor Dom Duarte exprimiu a D. João de Almeida, quando este lhe manifestara o pesar pela morte de seu Pai, Senhor Dom Miguel II e que tão expressiva-

(Continua na 3.ª página)



FELIZ NATAL

«Tribuna Livre», deseja a todos os seus estimados assinantes e colaboradores, BOAS FESTAS de NATAL, e um próspero ANO NOVO.

### NATAL DE 1962

Noite Santa de Natal I  
Ó meu Menino Jesus  
Dai a paz a Portugal  
E enchei o mundo de luz...

—«Sobre vós o Amor derramo...  
Amái-vos como eu vos amo  
Pois venho pr'a vos remtr»—  
Disse-o Deus há dois mil anos;  
E nós, ó homens insanos,  
Esta doutrina a traír I...

Nesta Santíssima noite  
Que toda a gente se acoite  
Do Lar ao brando calor,  
Aonde cada família  
Meditará, em vigília,  
Neste mistério do amor!

Menino Jesus, entra!  
Nas nossas casas e dai  
Aos corações compnção.  
Vede o mundo todo em guerra,  
Tantos ódios cá na terra,  
Tanta insidia e maldição I...

Amor santo, amor divino I...  
Ressuscitai-o, Menino,  
Que se perde a humanidade...  
É Santa a Noite que passa,  
Que a Luz da Divina Graça  
Nos encha de claridade...

Vós que trazeis ás crianças  
Inocentes, as lembranças  
Do Vosso Reino eternal,  
Trazei também aos adultos,  
Enfatuados estultos,  
A renúncia a todo o mal.

Aos nossos bravos soldados,  
Destemidos e ousados,  
Que lutam por Portugal,  
Escrevendo para a História  
Mais uma lauda de Glória,  
Dai-lhes, Jesus, Bom Natal.

VERBA

# TRIBUNA FEMININA

## Entre nós, mulheres...

Na doce, suave, encantadora quinquena que precede o Dia de Natal

Começou a quinquena verdadeiramente maravilhosa que antecede o dia de Natal. São dias em que, para glorificar o nascimento do Deus Menino há quase dois mil anos, em seu divino nome amamos um pouco mais o nosso próximo, com as criancinhas em primeiro lugar.

Em todas as casas do mundo civilizado — das mais favorecidas pela fortuna às mais desprotegidas (e talvez mais nestas últimas do que nas primeiras) — se procura criar um pouco mais de luz, um pouco mais de alegria, um pouco mais de amor. E nos armazéns, e nas lojas, e nas próprias ruas há, agora, sorrisos de doce cumplicidade trocados com gentes desconhecidas com que nos acotovelamos. É que somos todos maravilhosamente felizes, em Lisboa como em Nova York, em Madrid como no Rio de Janeiro, em Londres como em Buenos Aires. Fazemos, nesta altura, parte de um rio de amor que entra ou sai de qualquer lado, um rio especial, dotado de um grande coração, que bate ao mesmo pensamento: ofertar. São esposas que procuram presentes para os maridos e maridos que não se esquecem das mulheres. São velhinhos que compram ofertas para os filhos, para os netos e até para os bisnetos, e são esses mesmos filhos e esses mesmos netos sonhando com algo que esteja à altura dos presenteados e dentro das economias feitas sempre com muito sacrifício. São os patrões e as donas de casa comprando «qualquer coisa» mais significativa do que dinheiro com que presentear os empregados e até o padeiro ou o leiteiro, quando estes, sorrindo, desejarem as «boas festas». São os noivos sempre insatisfeitos quando se trata do seu amor e são as namoradas, muito «donas de casa», querendo ser gentis, mas pensando já em qualquer coisa que ajude a encher o ninho futuro. São, finalmente, aqueles infelizes solitários na vida, sem mãe, sem irmã, sem noiva, mas sempre com uma criança ou um velhinho a quem presentear.

Não há, nestes dias, um pensamento mesquinho. Ninguém se lembra de que o pequeno frasco de perfume desequilibrará o orçamento pouco estável ou que o dinheiro do cavalico de pau talvez desse para o pão de dois dias. Muito paradoxalmente, quanto menos dinheiro há, mais facilmente se perde a cabeça com inutilidades e mais apetite delas se tem.

Apenas os muito bem instalados na vida conseguem, às vezes, ser razoáveis.

Para o marido, um conselho: sempre que possa, ofereça uma deliciosa bagatela, seja um livro, um perfume ou uma caixa de bombons. E se pensar, para este Natal, no frigidão, na panela de pressão, na máquina de lavar roupa ou no ferro automático, coisas caras, mesmo preciosas, mas indiscutivelmente úteis, ofereça, juntamente, um lençinho florido, ou uma jóia de pechisbeque, ou um disco que venha a ser apreciado.

E depois das prendas compradas vamos encaixotar as figurinhas do Presépio, os cabelos de anjo, as guarnições de papel e as de fita, as luzinhas e as bolas de vidro da árvore de Natal. Depois da lição de amor que se colhe na rua damos assim a lição de amor em nossas casas. E

toca a trabalhar até ao dia 25, pois há muito e muito que fazer.

O ano passado, em Portugal, todos tínhamos o coração de luto. A perda da nossa Índia tirou-nos o sorriso dos lábios. A mágoa permanece nos nossos corações, perfeitamente igual ao que foi em Dezembro de 61, mas, tal como acontece quando nos morre um ente querido, temos de reagir e não roubar às crianças, outra vez este ano, o doce encantamento da celebração do nascimento do Divino Redentor. E todos os que poderemos, e ainda em nome de Jesus, oremos por aquelas crianças que, por ironia do destino, são hoje orfãs ou filhas de pais desaparecidos na guerra com a China (parece que para cima de 7.000) nessa mesma União Indiana que há um ano nos roubou, entre outras coisas, o nosso Dia de Natal. = A.

## Um casamento sensacional

Tony Curtis, com os seus 37 anos um dos actores de relêvo de Hollywood, declarou que casaria com Christine Kaufmann, o seu grande «e provavelmente último amor», no dia 11 ou, o mais tardar, 12 de Janeiro. Afirma-se que Christine foi a culpada do divórcio de Tony Curtis, casado durante dez anos com Janet Leigh. As pressas com que o herói dos «Viquingues», do «Trapézio», «Some like it hot» e outros exitos cinematográficos acertou o novo casamento admite certas dúvidas quanto à felicidade do matrimónio. A ex-esposa de Tony Curtis, Janet Leigh, casou vinte e quatro horas depois do divórcio. O seu novo marido chama-se Bob Brandt e é corretor na bolsa.

Ante esta decisão rápida, Tony não lhe quis ficar atrás e pediu logo a mão de Christine Kaufmann. Obedecendo à sua mãe, Christine Kaufmann pediu um prazo de três meses. A mãe de Christine, a jovem actriz muito precoce — aos oito anos já dançava ballet e chorava a pedido — parece já não ter as rédeas na mão, depois de ter lançado a sua filha numa série de filmes de grande êxito. («A Teresinha das Rosas», «O Anjo Silencioso» e «Meninas Fardadas»). A Sra. Kaufmann ainda conseguiu convencer a sua filha a abandonar aos catorze anos o género dos filmes regionais e a pôr os seus dotes em evidência em filmes alemães e italianos.

Era então Kirk Douglas com quem Christine Kaufmann trabalhou em Munique e em Viena no grande filme «Cidade sem Compaixão». Christine conquistou Hollywood, onde trabalhou com Tony Curtis e Yul Brynner no filme monumental «Taras Bulba». No que consta, a mãe não concordou com a mudança. Christine apaixonou-se por Tony apesar de sua mãe ser muito contrária a este amor. Tony acompanhou Christine a Berlim e a Munique, onde se evidenciou nos filmes «Túnel 28» e «Noventa minutos depois da meia-noite». Ainda casado com Janet Leigh apareceu no célebre Baile das Estrelas do Cinema convidou, com Christine Kaufmann, um grupo de amigos íntimos para uma festa num bar berlinenses. A Sra. Kaufmann continuou a protestar e, quando se falou no casamento, declarou à imprensa: «Em Janeiro, quando completar 18 anos, Christine será declarada maior. Até então tem de esperar. Depois poderá fazer o que quiser!»

Até ao casamento, Christine Kaufmann trabalhará na escola de arte dramática de Lee Strasberg em Nova York, onde já Marilyn Monroe e Kim Novak desenvolveram os seus talentos. Entretanto, Tony Curtis prepara o casamento, senão houver qualquer incidente, o grande dia será a data do aniversário de Christine em 11 de Janeiro de 1963.

## Culinária

### Palitos para «Cocktails»

Misturam-se e amassam-se os seguintes ingredientes: 120 grs. de queijo ralado, 125 grs. de farinha, 100 grs. de manteiga, 1 colher (de sopa) de água, 1 colher (de café) de fermento «Baking Powder». Tende-se esta massa e cortam-se palitos que se levam ao forno num tabuleiro.

### Amendoados

Cortam-se rodelas de massa folhada e sobre elas estende-se uma porção de massa de amêndoas pisadas. Sobre a massa estendem-se tiras de massa folhada, cruzando-as e unindo-as nas extremidades das rodelas. Levam-se os amendoados ao forno durante 15 a 20 minutos.

### Podim Celeste

6 ovos inteiros = 6 colheres de açúcar = 1 copo de leite = sumo de 2 laranjas t.r. Mistura-se tudo muito bem, deita-se em forma barrada com açúcar queimado e coze-se em banho-maria.

### Bambu-Macarronete com Coelho

Depois de bem esfolado e limpo, corta-se um coelho em bocados e deixa-se para o dia seguinte numa marinada, com vinho maduro tinto. Deita-se uma porção de azeite e manteiga numa caçarola, meia folha de louro, e os bocados do coelho, escorridos da marinada, temperados com sal e pimenta. Deixa-se fritar e, quando a carne estiver alourada, coelho, escorridos da marinada e de caldo de carne, ou água. Rectificam-se os temperos.

Coze-se à parte o bambu-macarronete, escorre-se muito bem e despeja-se, bem quente, numa travessa, colocando por cima os bocados de coelho depois de bem estufados e rega-se tudo com o seu molho. É um petisco de regalar!

### Doce de Laranja Azeda

Descascam-se e põem-se a cozer as laranjas, que se passam depois pela paneira.

Levam-se as cascas ao lume, com água, deixando ferver durante uma hora e meia. Depois escorrem-se e mergulham-se em água fria. Voltam a escorrer-se e cortam-se em tiras muito finas, que se juntam à massa. Pesa-se, mistura-se peso igual de açúcar, levando tudo a ganhar ponto.

### Youghourt

Para um litro de leite 2 colheres sopeiras de fermento.

Aquece-se o leite em banho-maria à temperatura de 40°. Bate-se bem o fermento e mistura-se com o leite, batendo tudo novamente. Deita-se na vasilha em que se aquece o leite, a qual deve estar à temperatura de 45°. Guarda-se durante duas horas e meia a três horas em lugar quente ou cobre-se o recipiente com um cobertor para conservar essa mesma temperatura. Passado aquele tempo, põe-se a gelar.

### Sandwiches

Junta-se queijo parmezão ralado e colorau picante a um pouco de manteiga e barram-se com esta mistura as fatias de pão torradas, fazendo depois uma risca com «mousse» de sardinha.

### Pão Doce

1 ovo = 1 decilitro de leite = 5 colheres de farinha trigo = 1 colher de açúcar = 1 colher (de chá) de fermento «Baking Powder» = 1 colher de manteiga.

Mexe-se tudo levemente, forma-se um pão, põe-se num tabuleiro e leva-se ao forno bem quente.

## VENDE-SE PRÉDIO EM CAIRES-AMARES

Casa com andar, bem situada, próximo da igreja, e quintal junto produzindo 500 a 1.000 litros de vinho, pomar, laranjal e olival.

Tratar com Pedro Lopes ou esposa,

LUGAR DA CRUZ

CAIRES

Visado pela C. de Censura

# TRIBUNA do CONCELHO

## CARTA DE LAGO

\*\*\*\*\* Aos amigos de perto e de longe \*\*\*\*\*

Redijo esta carta num dia muito triste para nós Portugueses de todas as partes do Mundo. O dia 18 de Dezembro recorda-nos o atentado contra a soberania de Portugal no Estado Português da Índia, que ficará como dia de luto nacional até ao dia da restauração.

### Visitantes

Para visitar as respectivas famílias estão entre nós bastantes homens vindos da França. A intensidade do frio naquele rico país, durante os meses de Dezembro e Janeiro, e a época festiva do Natal, são indubitavelmente os principais motivos da deslocação a Portugal. Sejam bem-vindos e tenham boas festas e boas férias! Também desejo boas festas aos que não puderam ou não quiseram vir.

### Noctívagos

Há bastante gente que é como murcegos: só andam bem de noite: Estão no caso a maior parte dos namorados os amigos do alheio e os amigos das cartas e da pinga. Como a escuridão é má conselheira os noctívagos quase só fazem asneiras. O pior é que não vejo possibilidades de correcção.

Os velhos ensinam os novos. Estes ensinam outros mais novos, e assim continuará a interminável cadeia dos noctívagos e malfeitores. Direis que há leis para corrigirem os malfeitores. Mas eu digo-vos que valem pouco... Não estão bem feitas! Ninguém quer ser testemunha para não ser às vezes maltratado e também para não perder dias de trabalho, com a agravante das despesas de viagens.

Qualquer pequeno processo obriga a ir depor três, quatro e mais vezes.

Depois, estar à espera, ter de voltar... quando há adiamentos!...

Para as leis serem eficientes, nas pequenas transgressões, os processos deviam ser muito simplificados.

Assim, para não terem de voltar muitas vezes ao tribunal, ou ao Posto da G.N.R., as testemunhas citadas geralmente dizem que não viram nem ouviram...

Sois capazes de me perguntardes como poderiam simplificar-se tais processos, e tendes razão, já que sou atrevido metendo-me na vida dos outros. Contudo sou cidadão como outro qualquer; sofro quando a sociedade sofre e ninguém pode negar o mal resultante dos maus hábitos nos indivíduos e dos

maus exemplos na sociedade. Basta contactar com o povo, com o seu dia-a-dia, para notar com rude evidência o péssimo resultado dos maus hábitos e dos maus exemplos. Tenho pois o direito de criticar os males e dizer o que penso ser útil. Pois bem: já vos disse que o povo não gosta de perder dias de trabalho e ser ainda insultado pelos malfeitores atrevidos, que gostam de ficar impunes. Como remediar este mal? Os próprios agentes policiais, em vez de citarem testemunhas, apareceriam nos locais infestados de noctívagos malfeitores e, como quem anda em passeio turístico, investigariam secretamente da veracidade, autoria e responsabilidade dos factos criminosos.

Vosso amigo: J. Moreira

## EDITAL

— Alfredo Teixeira da Costa Pereira Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial, faz saber que:

— José da Silva Pinheiro requereu licença para instalar uma oficina de serração de madeiras e carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, no lugar do Eido, freguesia de Rindufe, concelho de Amares, distrito de Braga, a confrontar a Norte, Sul e Poente com Delfim Soares e a Nascente com a Estrada Nacional e Francisco Teixeira Vidal.

— Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 24.667, nesta Circunscrição Industrial, com sede no Porto, Rua dos Bragas, n.º 61.

— Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial em 30 de Novembro de 1962.

O Engenheiro-Chefe

Alfredo Teixeira da Costa Pereira

## ANIVERSÁRIO

Passou na passada quinta-feira dia 20, o seu aniversário natalício a menina Augusta de Jesus Fernandes.

Por tão faustosa data seus pais, irmãos e restante família desejaram-lhe muitas felicidades e que esta se prolongue por muitos anos.

## SALVÉ 24-12-62

Passa o aniversário natalício na próxima segunda-feira dia 24 o menino Adão de Paiva Machado da freguesia de Prozêlo.

Por tão alegre data seus pais irmãos e toda a família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos.

## DE CALDELAS

A camioneta que faz carreira diária entre a cidade de Braga e Vilar (Terras de Bouro), ficou sem direcção, tendo-se voltado no lugar das Pedreiras da freguesia de Caldelas

CALDELAS, 12— Quando, hoje, pelas 18.20 horas, passava no lugar das Pedreiras, freguesia de Caldelas, a camioneta de passageiros da Viação Automotora, que faz a carreira diária entre a cidade de Braga e Vilar (Terras de Bouro) ficou de repente sem direcção tendo-se voltado na curva das Pedreiras indo cair no antigo campo de Futebol, mas com tanta sorte que os seus passageiros pouco sofreram, além dum valente susto, tendo alguns sido tratados na farmácia das Termas, desta localidade, seguindo pouco depois para suas casas. — C.

## CARTA DE RUIVÃES

Continuação da 1.ª página

ra comigo.

Ao Ex.º Director actual da «Tribuna Livre», que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, mas em quem tantas vezes tenho ouvido falar elogiosamente, dirijo os meus mais atenciosos cumprimentos e faço votos por que continue a dar a este semanário o brilho que sempre tem mantido, o que é de prever.

\* \* \*

Ruivães, minha querida terra natal, já tem luz eléctrica e telefone.

Estes dois importantes melhoramentos impunham-se e, embora tardiamente, sempre tiveram a sua eclosão.

O progresso e a civilização não admitem paragens. Caminhar, caminhar sempre, mas para a frente, porque para trás, só anda o caranguejo e a burra do brasileiro, que o nosso imortal Camilo magistralmente refere num dos seus romances.

Faltam ainda lugares desta freguesia por electrificar, e o sol quando nasce deve ser para todos.

Também ainda não foi levantado o projecto para construção de um caminho Muni-

## No aniversário da Restauração

Continuação da 1.ª página

mente documentam o carácter do actual Duque de Bragança: «Deus me proteja a mim e oxalá que, no fim da minha vida, eu possa dizer como poderia ter dito meu Pai ao terminar a sua: Todos os meus esforços foram por Portugal e foi para alcançar a concórdia entre os Portugueses que fiz o sacrifício de todo o interesse pessoal, de toda a ambição, até ao ponto em que a integridade dos nossos princípios o podia consentir. Que meu Pai lá no Céu, me ajude a seguir o caminho que deixou indicado na Terra; e, aos meus queridos Portugueses, peço encarecidamente me auxiliem, na grata tarefa de tornarmos Portugal cada vez maior.»

Ontem, como hoje, o actual Duque de Bragança, tem sido sempre igual a si mesmo, viva e exemplar encarnação dos tradicionais princípios que representa.

### A apresentação de cumprimentos

Cerca das 14 horas, as centenas de representações que se deslocaram a São Marcos, começaram a passar em frente do Senhor Duque de Bragança para lhe apresentar cumprimentos. O Senhor Dom

Duarte, encontrava-se numa das salas do Palácio, acompanhado pela Senhora Dona Maria Francisca, Príncipe da Beira, Infante D. Miguel, Prof. Doutor Miranda Barbosa que representava o Snr. Conde de Caria, Presidente da Junta Directiva da Causa Monárquica, e Condes de Campo Belo.

Para todos, o Senhor Dom Duarte, teve palavras de agradecimento.

### Centenas de representações

De todas as cidades, vilas e aldeias, vieram representações, a São Marcos. Várias camionetas saíram pela manhã, de Lisboa e de outras localidades, em direcção ao Palácio da residência dos Duques de Bragança. Ali vimos representações de Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães, Bragança, Castelo Branco, Covilhã, Aveiro, Portimão, Guiné Portuguesa, Luanda, Foz do Douro, Mouriscas do Vouga, Gondomar, Resende, Avelãs de Caminha, Taveiro, Macedo de Cavaleiros, Póvoa de Varzim, Mangualde, Viseu, Tondela, Talhados, Canas de Senhorim, Urgeiriça, Santarém, Oliveira do Bairro, Fafe, Figueiró dos Vinhos, Nelas, Marinha Grande, Ponte de S. Vicente, Vila Verde, Braga, Alvaiázere Cantanhede, Sangalhos, Ponte da Barca, Pocariça, Penafiel, Coruche, Anadia, Vizela, S. João Madeira, Maia, Sobreira, Vermoim, Paredes do Douro, Entroncamento, Bombarral, Sintra, Cascais, Oeiras, Colares, Medelim, Viana do Castelo, Sanfins, Ilhavo, Cuba, Matosinhos, Espinho, Estarreja, Pinhel e muitas outras localidades.

Espalhadas pelo vasto terreno fronteiriço ao Palácio, estas representações levaram a São Marcos uma manifestação de fé nacional e a certeza de uma Pátria grande, a prolongar-se no futuro.

Foi verdadeiramente uma Romagem Nacional, aquela a que assistimos em São Marcos. O que, sobretudo, nos impressionou foi a presença de uma imensa massa de povo — das mais diversas esferas sociais — que ali foi testemunhar ao representante do Rei Restaurador a sua gratidão e apresentar as suas homenagens.

## TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela censura

Amadeu César

# Flor desfolhada A questão é só querer

## AO LEITOR

A ti, leitor amigo a quem a ventura coroou com o sagrado nome de Pai, eu quero dedicar esta obra. É para ti.

Quando a pena segura entre meus nervosos dedos deslizava no papel meu confidente, eu lembrava-me de ti, na certeza de que tu, talvez de cabelos brancos ou grisalhos, irias nele encontrar uma lição frutífera para auxiliando os teus filhos nos momentos difíceis, não os abandonares no que respeita ao problema do amor!

Recordo neste momento um homem, caro Leitor, És Tu Pai Querido que o Céu levou! À sombra daquele velho choupo sentados naquela pedra, quantas vezes, doce Pai, me falastes deste sublime mistério do amor com o respeito que só Tu sabias conceber, e com palavras de mestre me aconselhavas sobre falsidades e abismos, mas abrindo-me um horizonte de escolha na plena liberdade do meu coração! Pensei em Ti muitas vezes quando a pena traçou estas linhas, e à Tua memória, Pai, deixo estas páginas que são o eco Todas as palavras emboídas na Saudade dos tempos.

Desculpa, leitor amigo, se a sombra de meu Pai veio interromper-nos.

Entrega ao teu filho ou filha toda a liberdade de escolha! Não sejas o algoz do seu futuro! Lembra-te de que já escolheste, e, nessa idade, embora distante, quiseste escolher; e se assim não foi, não negues ao teu filho o que a ti fora negado! Sé conselheiro de teu filho e dá-lhe liberdade no que respeita aos seus desejos íntimos!

Lembra-te de que «A vida não é tempo que passa, mas obra que fica.»

O Autor

Corria o ano de 1949. O verão com todas as suas características, manifestava-se neste ano pelo excepcional calor que abraçava a Terra calcinando-a.

Jorge, filho dum pobre mas honrado mecânico, concluiu o Curso duma Escola Técnica da Cidade de Braga. A colocação era agora o novo problema para o filho de Raúl do Choupal, que principiava a pensar no futuro, em auxiliar os Pais que tantos sacrifícios haviam feito para o educarem, o prepararem para a vida.

A casa de Raúl, com o seu jardim fronteiriço, é um Berço de sonho semi-enterrado no solo e debruçado sobre um lindo choupal onde o rouxinol, nas manhãs de Primavera, vem tornar mais poética e celeste esta minhotra paragem onde as borboletas saracoteiam alegremente, emprestando ao pequeno lugarejo um multiforme colorido.

A velha ermida de S. Caetano, do alto, abençoa este madesto Lar que a Graça de Deus se dignara visitar desde a sua concepção.

Esta Família prendada com dez filhos, mimosos botões em Flor, é muito estimada da Sociedade, mercê da educação que Raúl e D. Catarina do Choupal, católicos de gema, sabem ministrar aos filhos, que são exemplos vivos de bondade, aprumo e correcção.

Jorge é um destes rapazes robustos da alma e do corpo, boa estatura, fisicamente bem constituído, tez morena, olhos grandes e castanhos, elegante mas deixando transparecer a simplicidade, que era uma das muitas virtudes que acumulava. Havia naquele rosto sempre um sorriso, e dos seus lábios uma frase gaiata para dirigir àqueles que, do seu conhecimento, consigo cruzavam na rua. Graças à boa Mãe que Deus lhe dera, cedo se votou à vida de perfeito católico, tendo sido membro directivo de várias associações locais, bem como Presidente Arquidiocesano da J. E. C. Presidente da Congregação Mariana de N. S.ª do Socorro e Membro Directivo do Asilo Mourão da Lobeira, etc. Todos os olhos estavam postos no rapaz que só tinha uma cara e uns olhos que para todos sabiam sorrir. Era assim o Jorginho do Choupal, como todos lhe chamavam.

Agora que estabelecemos contacto com Jorge, sua Família e solar do Choupal, na herdade de S. Caetano, conhecemos novos caracteres, novo ambiente, novas personagens.

A herdade de D. Vasco fica no lugar de Campelo, na mesma aldeia de Jorge marginada quase circunferencialmente pela estrada. Dois grandes portões de ferro põem o solar em comunicação com as duas estradas. Tudo ali respira um ar campesino. D. Vasco, homem delgado, alto, olhar severo que bem denota outrora haver exercido a regedoria local, é um destes proprietários conscientes na educação a ministrar aos filhos, muito embora esta não haja sido por todos compreendida. D. Clementina, ao contrário de D. Vasco, Senhora fisicamente excepcional, com tanto de bondade como de beleza, estirpe média, orgulhosa, bem concentrada no espírito ambicioso de que é soberbamente dotada, eis as suas principais características.

Segue

Visado pela C. de Censura

Devo dizer-lhes que gostaria bem de ter ouvido outro discurso ao Dr. Salazar. E preferiria que fossem diferentes as coisas que o Presidente do Conselho disse na entrevista ao jornalista canadiano.

Ser-nos-ia concerteza muito mais agradável — a todos — que o Dr. Salazar dissesse:

«Estamos encantados com a posição da ONU relativamente à Comunidade Portuguesa. A ONU estudou conscienciosamente o assunto, levantado por um país inadvertido, e chegou à única conclusão a que podia chegar: que nós somos uma realidade política, uma na essência e dispersa na geografia, desde

### 1.ª Publicação



## TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No próximo dia 9 de Janeiro, pelas 10 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e em virtude do ordenado nos autos de Carta Precatória vinda do Tribunal Judicial de Braga e extraída dos autos de Execução Sumária em que é exequente Álvaro Dias de Carvalho, solteiro, maior, proprietário, do lugar de São Paio, freguesia de Soutelo e executada Rosa de Sousa, viúva proprietária, do lugar do Calvário, freguesia de Soutelo, vai-se proceder á arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido acima dos valores que vão indicados, dos seguintes prédios:

**PRIMEIRO**—Prédio rústico denominado «Campo da Poça», de terreno lavrado, com árvores avidadas e oliveiras, situado no lugar da Poça, freguesia de Soutelo, descrito na Conservatória sob o número 50.370 a fls. 72 do livro B-128, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 22, com o valor de TRES MIL E QUARENTA E OITO ESCUDOS.

**SEGUNDO**—Prédio rústico denominado «Bouça de Larim», de terra de mato e pinheiros, situada no lugar de Larim, freguesia de Soutelo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 50.371, a folhas setenta e duas verso do Livro B-128, inscrito na matriz predial rústica no artigo 189, com o valor de MIL SEISCENTOS E OITO ESCUDOS.

Vila Verde, 14 de Dezembro de 1962.

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

que há vários séculos nos constituímos em Nação independente e, portanto, a nossa política está dentro da razão. Não nos são aplicáveis os critérios sob os quais se apreciaram os países colonialistas. Nós somos uma Nação civilizada, cuja preocupação dominante não foi nunca a expansão económica na conquista de matérias primas e de mercados, mas o dever evangelizar e dar novos mundos ao mundo. Os países novos da África e da Ásia reconhecerem-nos, como não podia deixar de ser, seu irmão mais velho, na obra da fraternidade racial e de promoção dos povos mais atrasados às dignidades da cultura e da civilização. As suas aspirações de agora são o nosso sentido de sempre. Por outro lado, os países do Ocidente, ao repelir qualquer possibilidade de entrar ao desenvolvimento da nossa vida pacífica, demonstraram uma compreensão e foram de tal modo coerentes com os seus próprios interesses, que verdadeiramente enternecem. É certo que não havia a esperar outra coisa relativamente a esta Nação, à cerca da qual o dr. Francisco Leite Pinto recordava há pouco o trecho de uma carta do Príncipe-Regente D. João, escrita em Queluz, a 7 de Maio de 1805, a responder ao ultimato de Napoleão «Vossa Magestade sabe que a Monarquia Portuguesa é composta de vários Estados espalhados pelas quatro partes do mundo...»

Era realmente neste tom, embora com a elegância de expressão que um pobre jornalista não tem, que todos gostaríamos de ouvir o dr. Salazar. Mas isto é o sonho, é a realidade desejada—e não a realidade que nos é imposta. Tanto o discurso como a entrevista se ligam à panorâmica e às perspectivas do mundo moderno—podemos dizer, para falar a gíria da moda: à conjuntura política do presente, com a noção exacta dos factos, sem aduletrações resultantes do medo, dos interesses, das ambições, das fantasias.

Quer dizer: há um homem, entre os grandes do nosso tempo, que não recua perante a verdade, seja ela favorável ou contrária. No tempo em que outro grande, Winston Churchill, prometia, em plena tragédia da Inglaterra, sangue, suor e lágrimas, já um governante prometera fazer uma política de sacrifícios. Isto é muito importante, porque todo o drama do nosso tempo reside precisamente em se prometer o que não se pode dar, desde a paz para sempre, a liberdade, a fartura, o alto nível de vida—até ao bacalhau a pataco...

Há dois conceitos de direcção política: o que se baseia na verdade estrita sobre a consciência desta procura encaminhar o procedimento dos homens; e o que procura os seus caminhos por meio da

exaltação de sentimentos e de forças míticas. O primeiro é racional, o segundo é emocional.

A política portuguesa destes últimos decénios tem sido orientada segundo o plano racional: na inteligência dos factos, na previsão do futuro e na escolha dos métodos de acção.

Nós gostaríamos, é evidente, que o Presidente do Conselho nos tivesse mostrado uma situação favorável. Mas ele não vai atrás de fantasias, a tem-se às realidades—e estas fazem admitir que venham a endurecer as nossas dificuldades em África—e não sabemos se só em África. É melhor termos a consciência disso do que andarmos a perder-nos com ilusões. Só assim poderemos estar à altura de continuar a resistir com êxito e com honra.

Depois, é certo que atrás de tempo tempo vem. É importa que nós reparemos também na palavra de esperança que ouvimos no discurso:

«Ora, quando terminada a evolução do pensamento mundial, e desfeitas as núvens emocionais que turvam as inteligências, se vir aquilo por que verdadeiramente lutamos—o progresso dos povos que nos estão confiados a realizar pela única forma compatível com o seu modo de ser—então será mais fácil a resolução dos problemas postos. Uma coisa no entanto haverá que lamentar: a ONU, se então ainda existir, não ouvirá já os fogosos discursos contra Portugal de muitos dos seus oradores. A literatura perde o que a paz no mundo acabará por ganhar.»

A consciência das realidades não significa apenas negrume. Para além deste floresce sempre, teimosamente, a esperança. E as comunidades nacionais que verdadeiramente querem viver, e esperam, e lutam, não morrem. A questão é quererem—como se devem querer.

## Natal dos Pobres

(Continuação da 1.ª página)

Armazéns da Feira — Artigos em tecidos e camisolas	120\$00
Raúl	5\$00
António Russel	20\$00
Alvaro Gomes	20\$00
José M. Barbosa de Macedo	20\$00
Jaime Dias	20\$00
Alberto Gonçalves	50\$00
Carlos Bacelar	100\$00
José Manuel Martins	20\$00
Francisco Gonçalves	20\$00
Arlando Macedo	10\$00
D. Alice Arantes Rodrigues	50\$00
Joaquim José de Macedo — várias peças de roupas	várias
Mário Ramos — quatro cortes	várias
José Joaquim Azevedo — várias peças de roupa	várias
Madalena Gonçalves — várias peças de roupa e calçado	várias
José Gil Macedo — 9 metros de tecido	500\$00
Assistência dos Pobres	300\$00
Paulo Barbosa de Macedo — 200 K. de pão de milho	300\$00
<b>Total</b>	<b>1.805\$00</b>

Visado pela censura

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## S. Paio de Seramil E as carpideiras choraram durante toda a noite

(CONTINUAÇÃO)

Ainda não se esgotaram os motivos de curiosidade e observação sobre particularidades desta freguesia, como de tantas outras terras que parecem adormecidas no labor incessante do dia a dia rotineiro da vida rural, alheadas de um mundo longínquo e inquieto que teima em modificar a face de todas as coisas.

Assim, são notáveis os aspectos dum conservantismo impressionante no que toca ao viver das populações, na observância e manutenção dos apelidos e alcunhas dos casais e das famílias, nomes que já mal sabem donde partiram e o que lhes deu causa, mas deste modo se conhecem e nomeiam do perto e ao longe, bem à antiga maneira da titular família portuguesa.

Lembra aqueles velhos *meninos* e *meninas* na fórmula de tratamento familiar das antigas amas, que ainda na mais avançada idade, e até à morte, assim chamavam e recordavam carinhosamente os seus pupilos.

O Povo das aldeias continua a chamar às coisas, como também às pessoas, o que elas muitas vezes já não são. Feliz espírito de conservação, isto rurifica-se na designação da propriedade ou da toponímia local, circunstância que, desde as questões de maior alcance às mais insignificantes, tão vantajosamente contribui para a análise histórica.

Exemplifique-se o que não é absurdo; continua a chamar-se *Vinha velha* ao sítio onde talvez há séculos vai havendo *vinha nova*; *Moinho velho* onde ele já desapareceu ou está um *novo*.

O lugar de Seramil, núcleo fundamental da freguesia, liga ao lugar da Igreja por um troço de estrada que se chama *caminho novo*, se bem que por lá tem passado, certamente, dezenas de gerações; e este nome ficar-lhe-á por outras tantas e muitas mais, onde se não atenta contra as coisas inocentes nem há celebridades que promovam as mudanças de baptismo.

(Continua no próximo número)

As carpideiras soltavam gritos lancinantes quando o Rei dos Ciganos estava em agonia. Os seus gritos tornaram-se ainda mais agudos nas noites após a sua morte. Josef Gommns, de 67 anos de idade, chefe de uma tribu cigana de mais de duas mil pessoas faleceu recentemente, vítima do por um câncer nos pulmões. Faleceu à sombra das chaminés e dos montões de carvão na Região do Ruhr, a dois passos de montões de entulho, perto da Autobahn, onde se instalara há alguns meses com quarenta pessoas da sua família. Respeitou até à sua morte, o código dos ciganos. «Um cigano entrega a sua alma a Deus sob céu aberto.» E apesar de a sua família possuir carros confortáveis, faleceu numa tenda junto a um mastro de alta tensão, à luz de uma vela.

Junto à entrada da tenda manteve-se bem vivo um fogo durante o dia e à noite. Ciganos sentavam-se à volta e conversavam em voz baixa sobre os seus problemas. Dentro da tenda mulheres envolvidas em xales variegados aguardavam as últimas palavras do moribundo. Quando saíam da tenda gritavam lancinantemente. Os homens calamvavam-se por alguns

momentos. As crianças mal se importavam dos os seus gritos que se calavam assim que chegava mais algum parente, que era cumprimentado com animação.

Vieram mais de mil ciganos, alguns deles em carros modernos, outros em grandes automóveis, muitos deles americanos. Como se alguém lhes tivesse dado sinal, acorreram de todas as partes do mundo para estarem junto do seu rei na hora da sua morte. Vieram de vários países da Europa Ocidental, do leste da Europa e do México e da Austrália.

O acampamento dos ciganos passou a ser um lugar onde se chocavam as ideias e concepções mais diversas. Os habitantes de Duisburg mantinham-se a certa distância, mas os jornais publicaram longos artigos. Toda a cidade participou assim neste grande

acontecimento na vida dos ciganos. O único estranho que era admitido ao acampamento era um médico que de vez em quando ministrava uma injeção ao moribundo.

Os ciganos não se deixaram perturbar pelo barulho, pelo ar cheio de pó de carvão, pelo ranger dos guindastes da grande cidade industrial. Ofereceram até mesmo à municipalidade dez mil marcos para que se colocasse até ao acampamento um ramal de luz eléctrica. Porém, antes de se terminar a montagem, o rei faleceu. Queimaram-se as suas roupas na fogueira e organizou-se o enterro num cemitério de Duisburg. No cortejo contaram-se mais de duzentos automóveis. Poucos dias mais tarde, os ciganos desapareceram. Constatou-se que no sul da França outro chefe cigano estava às portas da morte.

## FUTEBOL

### Neve e o mais que se verá...

(Continuação da 6.ª página)

dio. Mas a sua lotação anda pelos 30.000 lugares. Estava repleto: gente de todas as idades e de ambos os sexos, apresentando uma característica comum = os bons agasalhos, quase luxuosos, com que se defendia do frio agreste da tarde e sem sol = quer se sentasse sobre boas almofadas pneumáticas nos lugares mais caros da tribuna central, quer permanecesse do lado oposto do campo, no «peão», assistindo a pé firme àquele triste encontro de mau futebol.

Essa mesma impressão de desafogo económico = traduzido em todos os pormenores da vida de todos os dias, desde o preço dos cigarros e do vestuário até ao fluxo constante de compradores em lojas e armazéns, como na afluência aos espectáculos públicos (o futebol, o teatro, o cinema, a ópera, o «ballet», o concerto sinfónico, as salas de dança, os «dancings», os «cabarets», as «boites», as «caves», as cervejarias com programas de «music-hall») = iríamos encontrar em todas as cidades da Alemanha Ocidental.

E, mais forte ainda, notaríamos esse desafogo económico no contraste flagrante entre as duas metades, que «o muro da vergonha» separa, da cidade-estado de Berlim, onde a própria separação, criada artificialmente, mais e mais sublinha

a diferença de nível entre duas populações outrora iguais, mas que as condições de vida separam agora mais do que propriamente um muro de tijolo.

Berlim ocidental é, neste momento, a maior cidade da República Federal: em população, em nível de vida, em volume de exportações, em número de industriais, em actividades culturais e científicas. Berlim Oriental, por seu turno e apesar de tudo, é ainda uma das maiores cidades da Alemanha do Leste. Mas a sua população perdeu, completamente, o gosto de viver, a esperança do futuro, o arreganho perante as dificuldades.

Em Berlim Ocidental, não obstante o que sofreu, a gente mantém ainda o seu ar gávroche, que faz de berlinenses, tradicionalmente o mais desconcertante e rápido nas respostas de todos os alemães. No lado oriental, o ambiente é diverso: às dificuldades materiais, bem expostas no vestuário de pior qualidade e menos adaptado ao frio, alia-se a falta de quanto o dinheiro poderia dar para suavizar a existência. E ao movimento tumultuoso e febril das lojas e armazéns do ocidente de Berlim corresponde, do outro lado do muro, o panorama desolador da loja quase desguarnecida = e até das bichas para o pão, que passoalmente verificamos existirem ainda. =A.

## CAMPANHA

### DE NATAL DA GASEL

Até 31 de Dezembro A GASEL, além do desconto de 10% na venda de Fogões; Fogareiros; Esquentadores e Aquecedores a Gás, oferece UM BRINDE que vai até 240\$00 e ainda UMA GARRAFA (13 K<sup>00</sup>) de GÁS MOBIL.

A todos os consumidores que assinarem novos contratos além da oferta da GARRAFA DE GÁS MOBIL oferecemos mais UM BRINDE que vai a 120\$00

Minha senhora aproveite esta oportunidade de levar para casa de V. Ex.<sup>ª</sup>... — CLIC — Símbolo de Economia; Segurança e Simplicidade, que o GÁS MOBIL oferece através da

## GASEL

DE — A. RAMOS & C.<sup>ª</sup> L.<sup>da</sup>

Largo Dr. Oliveira Salazar

Telef. 62155

AMARES

CLIC... ECONÓMICO... CLIC... SEGURO... CLIC... SIMPLES... CLIC... PRÁTICO... ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GARANTIDA

SE SABE O QUE FAZ... COZINHE COM MOBIL GÁS... CASA ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

# Tribuna Desportiva

## Portugal ganhou por três a um à Bulgária

A selecção nacional de futebol venceu, ontem, no Estádio do Restelo, a da Bulgária, por 3-1, em jogo da segunda «mão» da primeira eliminatória da Taça das Nações.

Como em Sófia o resultado foi desfavorável a Portugal pela mesma marca, haverá que disputar terceiro jogo que se realizará a 2 de Janeiro em Francfort, para apurar a equipa que continua na prova.

As equipas alinharam:

**Portugal**—Costa Pereira; Angelo e Cruz; Coluna (capitão); Raul e José Carlos; José Augusto, Eusébio, Rocha, Hernani e Simões.

**Bulgária**—Naidenov; Metodiev e Vovutsov; Dimov, Dimitrov e Kouachev; Diev; Abadjiev, Asparuhov, Iliev e Kolev (capitão).

Os golos foram marcados por Hernani aos 4 e aos 26 minutos da primeira parte. Na segunda parte Coluna marcou o terceiro golo aos 10 minutos e a seis minutos do fim a Bulgária marcou por intermédio de Iliev.

Na primeira parte a equipa portuguesa jogou a favor do vento, que soprava forte, e começou a atacar em massa. A equipa bulgara competiu-lhe segurar o resultado obtido no primeiro jogo, pelo

que não é de admirar que tenha feito recuar todos os seus homens para a defesa, deixando apenas três avançados, à frente. Esse aglomerado defensivo não obistou, porém, a que Hernani logo no começo do jogo tenha marcado um golo, embora depois os contra-ataques rápidos dos bulgaros se tenham feito sentir com algum perigo.

Na segunda parte a feição do desafio modificou-se a partir do terceiro golo português, dado que os bulgaros já não tinha nada a defender e vieram para o ataque à procura do golo que lhes assegurasse terceiro jogo. Conseguiram-no por culpa de Costa Pereira, que teve uma saída extemporânea, na marcação de um canto.

Dos portugueses o melhor foi Coluna, seguido por Hernani e Eusébio.

### Um futebolista Luso-Brasileiro chegou a Lisboa com destino ao Belenenses

Com destino aos Belenenses chegou a Lisboa o futebolista luso-brasileiro Alberto Pinto Ferro, que jogava a médio-centro num dos principais clubes de S. Paulo.

# Campeonato Distrital de Futebol da F.N.A.T.

## Onça, 1 - Leões da Modelar, 3

Ao intervalo 0-2

Disputou-se, no passado domingo, a terceira Jornada do Campeonato Distrital da F. N. A. T., que englobou os seguintes encontros e resultados: Riopele, 11-Confinça, 1; Fafe, 11 Dume, 0; Onça, 1, Leões da Modelar, 3; Landim, 3; Ruivães, 2.

O encontro que a Modelar disputou na cidade de Braga contra o Onça antevia-se difícil porque o grupo da casa tem nas suas fileiras jogadores que ainda há pouco disputavam o Campeonato da 1.ª Divisão Nacional.

E, por isto mesmo, os representantes de Amares, começaram a peleja com sentido nitidamente defensivo, já que tudo indicava que assim devia fazer-se; mas cêdo os visitantes se aperceberam de que tinham possibilidades de bom resultado.

E em contra-ataques rápidos puzeram em perigo as balizas adversárias; e foi num destes contra-ataques que nasceu o primeiro golo da turma de Amares; a bola foi de Elói até Martins

1.º que depois de uma fugida pelo seu sector até à linha de fundo, centrou atrazado, para Necas de cabeça anichar o esférico no fundo das redes sem possibilidade de defesa para o guardião caseiro.

Este golo foi o lenitivo para mais um esforço por parte dos visitantes que, sacudindo definitivamente a pressão a que vinham sendo submetidos, começaram a fazer o jogo que mais lhe convinha, bola trocada repetidas vezes, mas sempre com o mesmo objectivo:— a baliza.

E, assim, depois de uma série de remates, que já vinham merecendo o golo, foi o mesmo jogador, Necas, que com um remate rasteiro, obteve o segundo golo para a sua equipa.

A equipa da casa ficou desnorteada e era frequente ver-se os seus jogadores tentarem diminuir o onze visitante com entradas ostensivas ao homem e não à bola.

E a partida entrou numa fase duríssima sendo necessária a intervenção do árbitro repetidas vezes.

O intervalo veio na melhor altura, para acalmar os ânimos exaltadíssimos fora e dentro do rectângulo.

No recomeço, e depois de severa advertência do árbitro, já se pôde assistir a um jogo mais académico e mais desportista, o que é sempre agradável.

Jam já decorridos 15 minutos da segunda parte quando num desentendimento da defesa da casa o n.º 3 com um toque infeliz obteve o terceiro golo para os visitantes.

O ponto de honra do On-

ça F. C. foi marcado aos 35 minutos, por Calheiros, jogador experimentado e que há pouco abandonou as lides do futebol adulto português.

Não há nomes a salientar no grupo da Modelar pois todos cumpriram à altura do prestígio que já alcançaram neste torneio com 3 jogos, três vitórias, sendo duas fora do seu ambiente e em rectângulos com medidas oficiais, portanto muito maiores do que o que estão habituados.

Os Leões da Modelar alinharam com:

Carriço, João, Eloi, Almeida, Catolino, José, Martins I, Martins II, Gomes, (Augusto), Eduardo e Necas.

A classificação ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	F	C	P
Fafe .....	3	3	0	0	19	1	6
Riopele .....	3	3	0	0	20	3	6
Leões Modelar .....	3	3	0	0	10	3	6
Landim .....	3	2	0	1	6	6	4
Onça .....	3	1	0	2	3	4	2
Ruivães .....	3	0	0	3	2	12	0
Dume .....	3	0	0	3	1	16	0
Confinça .....	3	0	0	3	3	19	0

No próximo domingo realizam-se os seguintes jogos válidos para a quarta jornada:

- Leões da Modelar - Landim
- Onça - Fafe
- Riopele - Dume
- Confinça - Ruivães

Os Leões, jogando no seu ambiente, são os favoritos, mas nunca confiar, até porque o Landim é grupo para bater o pé a qualquer grupo interveniente neste campeonato e a prova está nos resultados obtidos dentro e fora de casa.

Confiamos na boa vontade dos nossos representantes e no apoio, sempre imprescindível, do público que estamos certos, não regateará porque a Modelar representa neste campeonato o Concelho de Amares.

# DESPORTO -- Neve e o mais que se verá...

Para o entusiasmo português da bola terá parecido por vezes desculpa atribuir-se ao terreno com uma capa de neve a dificuldade e até os resultados desfavoráveis registados por equipas portuguesas no estrangeiro.

O problema, porém, existe. E se não é familiar aos portugueses, muito especialmente aos lisboetas, que gozam das condições ideais de um país onde o «verão vem passar o inverno», não deixa de se revestir de aspectos dramáticos, que em certos países menos protegidos da sorte — e do clima — vão até ao ponto de impedir a prática do desportorei, levando à suspensão dos campeonatos.

É, afinal, um «defeso» de sinal inverso ao dos países do sol, onde é o intenso calor que leva a suspender as temporadas de futebol, como em Portugal acontece nos meses de maior canícula, em pleno verão.

Assistimos há dias, em Hamburgo, onde a temperatura é mesmo assim

temperada pela vizinhança do mar, ao encontro entre dois clubes da cidade; o Hamburger Sportverein, mais de uma vez campeão da Alemanha Ocidental e grupo que conta com um dos melhores lotes de jogadores alemães, e o Altona Sportklub, clube de uma antiga aldeia que o crescimento da grande cidade englobou até a converter em bairro que já nem sequer periférico é.

Com um céu cinzento e cinco graus abaixo de zero, não houvera sequer um nevão nos últimos dias. Mas a geada grelara de branco o relvado e o frio solidificara em gelo a humidade que caíra. E as dificuldades de equilíbrio em semelhante terreno, apesar de serem defrontadas por jogadores perfeitamente habituados àquelas condições, provocava tal desgaste e emperrava de tal modo as jogadas que, mesmo ao fim de alguns minutos de jogo, já se chegava à conclusão, mais tarde radicada, de que nenhum dos dois clubes estaria a

dar uma pálida ideia do seu verdadeiro valor, já que ambos se perdiam nos equilíbrios e nos choques, no desgaste físico e na contracção de movimentos, sem que se adregasse encontrar num deles a evidente superioridade que marca incontestavelmente um campeão.

E à medida que o tempo decorria a sensação era ainda mais profunda: chegava-se a duvidar de que qualquer daqueles dois grupos tivesse sequer craveira que lhe garantisse lugar numa primeira divisão recheada de fortes competidores.

Ao aspecto desportivo, que se pode considerar completamente negativo, pelo menos tão «abaixo de zero» como a temperatura do dia, contrapõe-se, porém, o aspecto económico. Não será o campo de jogos do Altona, onde o encontro se disputou, um grande está-

(Continua na 5.ª página)

## FUTEBOL

Domingo, dia 23, às 15 horas

No Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu

### Leões da Modelar, CONTRA Landim F. C.

